

O (não) discurso da ciência na cobertura jornalística da Rio+20¹

Eloisa Beling Loose², Myrian Regina Del Vecchio de Lima³

Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Brasil; Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Paraná, Brasil

eloisa.loose@gmail.com, myrianv@ufpr.br

Resumo: Este artigo verifica como a ciência se fez presente na cobertura jornalística *online* da Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, em junho/2012. Ao partir da perspectiva que os debates buscaram opções para amenizar a crise ambiental e de que a ciência tem papel relevante na verificação dos impactos e proposição de soluções, realiza-se: 1) mapeamento das fontes que trouxeram a

ciência para as pautas da Rio+20; 2) assim como dos rastros/termos que constituem o campo científico. A inserção da ciência na cobertura deveria ser ampla, pois ela é base de entendimento e explicações para tomada de decisões na área ambiental; mas, a análise interpretativa revelou que a cobertura pouco tratou de ciência, desvinculando-a das deliberações do evento.

Palavras-chave: ciência; cobertura jornalística da Rio+20; comunicação e meio ambiente.

Abstract: This paper assesses to which extent science had a significant presence in the journalistic coverage of the United Nations Conference on Sustainable Development (Rio+20), in June 2012. Considering that the conference's major debates sought to overcome today's

environmental crisis, and knowing that science does play an important role in understanding such a scenario, this paper maps out both (a) the fonts that somehow contributed by bringing science to the conference's agenda and (b) the terms or hints that suggested the presence of

1. Submetido a 27 de julho de 2013 e aprovado a 15 de novembro de 2013.

2. Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Rua dos Funcionários, 1540, Juvevê, 80035050 - Curitiba, PR - Brasil.

3. Universidade Federal do Paraná, Departamento de Comunicação Social, Rua Bom Jesus, 650, Juvevê, 80035-010 - Curitiba, PR - Brasil.

scientific perspectives in the discussions. Rio+20's coverage should ideally count on an active presence of science, since it equips society and policy-makers with a valuable framework when it comes to environmental issues. This interpretative

analysis, however, have indicated that Rio+20's journalistic coverage has not brought up much of the currently available scientific knowledge, leaving science aside from the event's main outcomes.

Keywords: science; news coverage of Rio+20; communication and environment.

VINTE anos após a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Eco-92⁴, a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, carregava a expectativa de repetir atitudes e resultados que fizeram do evento de 1992 um marco histórico mundial da questão ambiental. Em junho de 2012, líderes mundiais, participantes do setor privado, ONGs e demais grupos da sociedade civil se reuniram mais uma vez, no Rio, para refletir e apontar práticas que tornassem possível reduzir a pobreza, promover a justiça social e a proteção do meio ambiente no planeta. Os indícios que enfrentamos uma crise ambiental são frequentemente sentidos pela sociedade e verificados pelos cientistas há algumas décadas, tendo se intensificado nos últimos anos. As propostas visando soluções também passam pelo campo científico, que embora possa contribuir para alterar os rumos da questão ambiental, muitas vezes, é subestimado pelo campo político. Mas é evidente que os cientistas assumem um papel de relevância no contexto atual de crise no sentido de verificar os impactos e propor soluções para mudar a situação atual.

Como a questão ambiental é interdisciplinar e exige para o seu estudo o diálogo de saberes, caberia a uma conferência com tal tema como foco central, articular-se com as variadas esferas da sociedade. Prioriza-se o campo da ciência neste texto por compreender que, atualmente, ela, por meio de seus diversos campos e áreas, promove diagnósticos e aponta possibilidades de mitigação

4. A Eco-92 é a maior conferência sobre meio ambiente já realizada no planeta, com a presença de delegações de 178 países. Sua concepção “passa não só pelo reconhecimento da vinculação entre desenvolvimento e meio ambiente, pobreza e degradação ambiental, mas, sobretudo, pela conscientização de que o enfrentamento dos problemas ambientais depende de uma revisão das relações internacionais e a busca de novas formas de cooperação entre as nações.” (RAMOS, 1995, p. 36-37).

e reversão para o quadro de mudanças globais ambientais em curso, sendo responsável pela produção de argumentos lógicos e conhecimentos que possam, ao menos em parte, embasar tomadas de decisão. Evidentemente, sabe-se que a ciência, como campo também ideológico, depende de articulação com os campos políticos e sociais, para que se adotem boas práticas ambientais. Também se explicita que no contexto no qual analisamos os discursos jornalísticos sobre a Rio+20, o jornalismo ambiental se entrelaça ao jornalismo científico, já que muitas características deste último estão inseridas no primeiro, havendo inclusive autores que consideram o primeiro uma subespecialização do segundo.

Ao compreender esta articulação entre a ciência e o evento político-ambiental mundial Rio+20, por meio da cobertura jornalística, busca-se verificar de que maneira o discurso científico (ou traços dele) se fez presente nos debates e qual o lugar da ciência nesta discussão. Assim, a partir das matérias divulgadas em dois dos mais acessados portais de notícias brasileiros (G1 e UOL⁵), no período da realização da *Cúpula de Alto Nível*, concentrada nos últimos três dias do evento, observa-se como rastros do discurso científico foram mobilizados nessa cobertura, considerando a inserção do jornalismo científico nesta prática. A proposta foi realizar o mapeamento das fontes⁶, que trouxeram a ciência para a discussão das pautas da Rio+20, e também das marcas discursivas (elementos que caracterizam e possuem relação com a identidade do campo) oriundas da ciência que estiveram presentes na cobertura, a fim de analisar panoramicamente seu lugar nas matérias jornalísticas. Entende-se que a inserção da ciência na cobertura deveria ser ampla, pois como já enfatizado ela é o campo de produção de conhecimentos a serem considerados pelos representantes para a tomada de decisões em relação às ações que preservem os bens naturais, sociais e culturais, e minimizem os impactos socioambientais.

5. De acordo com o ranking mensal feito pelo Ibope Nielsen, referente ao mês de março de 2012, o UOL é o portal de notícias que mais recebe visitas no Brasil, contabilizando 34,324 milhões de visitantes únicos em março. Em segundo lugar, encontra-se o Globo.com, que tem como principal canal de notícias o G1 e fechou o mesmo período com 29.619 milhões de visitantes.

6. Entende-se por fonte, no campo jornalístico, aquelas pessoas ou documentos que estão envolvidos no fato ou tenham condição de informar sobre algo que tenha valor noticioso.

Embora o evento oficial da Rio+20 tenha sido uma reunião de atores políticos, a temática que os cerca é global e interdisciplinar, com causas e consequências relativas a aspectos econômicos, sociais, científicos, culturais, etc. Antes de sua realização, a organização do evento e a delegação brasileira reiteraram que o encontro seria mais aberto à participação da sociedade (logo, cientistas, como segmento representativo da sociedade, também teriam mais espaço). Em um primeiro momento até pareceu existir a preocupação em integrar as esferas política e científica para, juntas, alcançar resultados efetivos. O relatório *Povo Resistente, Planeta Resistente: Um Futuro Digno de Ser Escolhido*, desenvolvido pelo Painel de Alto Nível sobre Sustentabilidade Global das Nações Unidas (30 de janeiro de 2012), faz 56 recomendações sobre a importância de se destacar a ciência quando se trata de meio ambiente. O documento alerta que a ciência ainda não obteve uma compreensão detalhada dos impactos causados pelo homem à natureza, e que é preciso mais pesquisa para se compreender os efeitos sinérgicos de pressões ambientais, econômicas e sociais. Apesar disso, o relatório não teve maior repercussão durante a Rio+20.

A ciência e seu papel para a decisão dos rumos do planeta

A ciência é elucidativa (resolve enigmas), enriquecedora (permite satisfazer necessidades sociais), conquistadora e triunfante (fornece subsídios para o desenvolvimento tecnológico), contudo, cada vez mais, traz também possibilidades terríveis de subjugação (MORIN, 2005). O conhecimento científico transborda uma complexidade intrínseca ao seu fazer, especialmente na contemporaneidade, na qual a própria ‘sociedade tecnologizada’ acelera cada vez mais a transformação da ciência, com suas pressões políticas e econômicas.

7. O documento pede pela integração dos custos sociais e ambientais do mesmo modo como são os preços mundiais e as medidas de atividades econômicas. Exige também um conjunto de indicadores de desenvolvimento sustentável que vão além da abordagem tradicional do Produto Interno Bruto (PIB) e recomenda que os governos desenvolvam e apliquem um conjunto de objetivos que possam mobilizar a ação global e ajudar a monitorar o progresso.

O conhecimento científico pode ser usado para “o bem” ou para “o mal”, mas é ele quem sustenta e legitima boa parte dos parâmetros e argumentos que se transformam em decisões no âmbito social. Com seus métodos calcados no rigor e na objetividade, o campo científico realiza investigações para entender os fenômenos que nos cercam e propor saídas para os problemas com os quais nos deparamos. Apesar das limitações e de variáveis que implicam compreensões diferentes (até mesmo divergentes), impedindo a construção de certezas, é na ciência que a sociedade encontra amparo para entender o mundo no qual vive. Para Morin (2005, p. 23), “o conhecimento científico é certo, na medida em que se baseia em dados verificados e está apto a fornecer previsões concretas”, o que reforça a ideia que a ciência é uma das esferas da sociedade que possui mais reconhecimento e legitimidade para apresentar dados a serem tomados como base diante de grandes decisões político-econômicas-sociais. O autor retoma uma série de questões sobre a ciência moderna na obra *Ciência com Consciência* (2005), para discutir problemas éticos e morais relacionados ao poder de manipulação oriundo das tecnociências, e propor um novo paradigma científico que incorpore a incerteza, o acaso e a complexidade das realidades que buscam ser compreendidas.

Paralelamente, Santos (2005) critica a ciência moderna, que ao se especializar acaba tornando-se fragmentária e reducionista, apresentando-se na sociedade atual como a única forma de conhecimento com legitimidade para suprir as lacunas sobre a compreensão do mundo, sendo dotada de um exclusivismo epistemológico com relação às demais formas de saberes. Este autor reconhece o valor da ciência, mas entende que ela tem limites, devendo interagir com outros saberes; afirma que é preciso mais diálogo entre o conhecimento científico e os demais conhecimentos para a construção de uma sociedade plural e democrática na qual não haja colonização do saber e poder.

O status que o conhecimento científico adquiriu na contemporaneidade está atrelado a uma perspectiva hegemônica de desenvolvimento. A sociedade do século XX carrega como um de seus valores substanciais o progresso, proporcionado pela ciência e tecnologia. Ivanissevich (2005) expõe a confiança que a população, de maneira geral, deposita no campo científico, já que relaciona os benefícios alcançados na área da saúde, alimentos, energia, etc. ao trabalho

dos cientistas. Ela lembra que o reconhecimento da autoridade científica é observado, sobretudo, na publicidade promovida pelo mundo industrializado, na qual o que é cientificamente testado é seguro, idôneo e apto para o consumo. O jornalismo também reforça essa imagem de “verdade irrefutável” ao alimentar-se de fontes científicas para construir discursos sobre inovação e avanços tecnológicos para melhorar o bem-estar social.

Quando se fala em meio ambiente e suas problemáticas, pressupõe-se que a ciência é intrínseca à área e que muitos termos do campo ambiental são transposições de outras disciplinas científicas, sendo o meio ambiente um tema de fronteira que requer aporte interdisciplinar. Mesmo que o campo ambiental não seja somente científico, pois busca ouvir e respeitar outros saberes, ele abarca os princípios da ciência moderna.

Hannigan (2009, p. 141) lembra que “é raro encontrar um problema ambiental que não tenha suas origens num corpo de pesquisa científica” e cita como exemplos a chuva ácida, a perda da biodiversidade, o aquecimento global, a desertificação, a redução da camada de ozônio. Ele cita também Yardley (1992), para enfatizar que “é a estrutura de apoio científico destes problemas ambientais que os sustentam acima dos outros problemas sociais que são mais dependentes de argumentos de bases morais”. (p. 117). Por outro lado, alerta que, de forma contraditória, “o que particularmente abre a porta para a criação e contestação dos problemas ambientais é a inabilidade da ciência de dar prova absoluta — a evidência inequívoca da segurança” (*Ibid*, p. 143). Os cientistas oferecem, muitas vezes, estimativas de probabilidade que são variáveis entre si. Hannigan diz que uma maneira comum de compartilhar para o mundo exterior um problema, que, inicialmente, tem sua comunicação fechada na área científica, “é convergir para um fórum público no qual uma mistura de cientistas, ambientalistas e administradores juntos direcionam as várias dimensões do problema exposto à luz da mídia” (HANNIGAN, 2009, p. 149). Exatamente como deveria ocorrer em um fórum global como a Rio+20.

Logo, tendo em vista a influência ou poder que o discurso científico tem na esfera social contemporânea, é de se esperar que ao tratar de questões como a atual crise ambiental e, intrinsecamente, das relações homem-natureza, os discursos da ciência fossem de alguma forma ouvidos, por meio de seus atores,

para reforçar ou justificar as tomadas de decisão da Rio+20. Ou que, em função de sua autoridade e legitimidade, a ciência fosse utilizada para dar suporte às discussões que estavam na pauta da conferência.

Jornalismo Científico no contexto das questões ambientais

Ao se analisar a inserção da ciência na Rio+20, por meio da cobertura dos portais de notícias brasileiros, foi necessário adentrar em algumas particularidades do jornalismo científico, que tem como principal objetivo popularizar a ciência para os públicos que não pertençam ao campo científico. Para atingir amplamente a sociedade, os jornalistas investidos na tarefa de divulgar os fatos científicos necessitam usar analogias e decifrar nomes técnicos de modo a tornar possível a compreensão dos acontecimentos e avanços relacionados não só ao meio ambiente, mas também às demais áreas das ciências.

Neste processo de ‘mediar’ um discurso com linguagem técnica para outro mais acessível, que se enquadre nas exigências do jornalismo (nos chamados critérios de noticiabilidade, que incluem entre outros, a novidade, o conflito, a proximidade e o interesse público), muitos confrontos entre cientistas e jornalistas são travados, já que vivenciam lógicas diferentes em seus campos profissionais. Enquanto cientistas convivem com a precisão, a complexidade e longos períodos de tempo para consolidar seus trabalhos, jornalistas científicos correm contra o tempo para escrever de maneira simples um texto que atraia o público e que será publicado imediatamente.

Os fatos científicos a serem transmitidos devem proporcionar a compreensão de seu conteúdo pelos públicos, sendo necessário o aprofundamento do tema. A busca por uma contextualização do assunto, suas razões e consequências fornecem aos jornalistas (e não só da área científica) uma transmissão mais esclarecedora dos fatos. Oliveira (2002, p. 43) afirma que o casamento maior da ciência e do jornalismo se realiza quando: “a primeira, que busca conhecer a realidade por meio do entendimento da natureza das coisas, encontra no segundo

fiel tradutor, isto é, o jornalismo que usa a informação científica para interpretar o conhecimento da realidade”.

Além de ser “tradutor”, o jornalista deve estar atento aos meandros do fazer científico e buscar as contradições daquilo que é exposto: afinal a sociedade precisa de informações precisas para, de forma consciente, exercer sua cidadania. Bueno (1985) é crítico quando diz que o jornalismo científico deve ter em mente a democratização da ciência e não ser mera reprodução dos discursos que detém o poder. Centrando-se nas questões ambientais, no âmbito do chamado desenvolvimento sustentável (tema principal da Rio+20), o cuidado jornalístico deve ser ainda maior, visto que requer abordagens interdisciplinares em função do cenário complexo da contemporaneidade, marcado pela mudança de paradigmas científicos em diversas áreas.

Com relação a um cenário global e local, — que elegeu o uso do termo “desenvolvimento sustentável” como uma grande panaceia para as mais variadas justificações que envolvam discursos e práticas públicas e de gestão privada — Del Vecchio-Lima (2002) lembra que “ao estabelecer uma estreita confluência com a política, a proposta de desenvolvimento sustentável tornou-se [...] a principal opção para a discussão dos problemas ambientais nos círculos institucionais e tecnocráticos”:

Esse conceito aparece após a “descoberta” da crise ambiental provocada pelo sistema capitalista de produção. Portanto, o modelo e as políticas de desenvolvimento sustentável significam a apropriação do discurso ambiental pelo capitalismo e, ao mesmo tempo, uma das únicas formas técnicas de interferir com relativo sucesso nos problemas ambientais. Fica assim claro que o desenvolvimento sustentável é uma posição ética e política comprometida com os aspectos econômicos da sociedade. Daí se manifestar a partir de diferentes concepções, com implicações políticas e econômicas próprias, que vão respaldar interesses sociais distintos. (DEL VECCHIO-LIMA, 2002, p. 36)

Tal entendimento leva à conclusão de que o jornalismo científico e ambiental, inserido em uma sociedade pautada, em seus discursos, pela lógica de diferentes entendimentos de “desenvolvimento sustentável”, deve ser ainda mais cauteloso

e contextualizador, incluindo em suas matérias as diversas interfaces e interesses ligados a determinado problema ou objeto socioambiental.

Romanini (2005) articula à divulgação da informação ambiental o problema do jornalismo científico brasileiro em dedicar a maior parte de seu espaço aos desdobramentos tecnológicos do conhecimento científico, acabando, muitas vezes, por ressaltar apenas aspectos positivos dos avanços tecnológicos, negligenciando os que não são tão positivos ou até mesmo prejudiciais do ponto de vista socioambiental. A falta de discussão sobre os efeitos e intencionalidades da ciência não promove o pensamento crítico e naturaliza o fazer científico como aquele que salvará o futuro. Romanini (2005, p. 121) aponta que os jornalistas, por estarem diante dos acontecimentos e serem responsáveis pela mediação, devem “abandonar o encantamento ingênuo” e assumir um papel crítico diante da parafernália tecnológica (e da própria ciência, de forma geral). Cabe a eles contextualizar e esclarecer as informações científicas de modo que elas sirvam ao interesse público, desempenhando papel de relevância na construção dos espaços democráticos. Segundo Girardi *et al.* (2009, p. 96):

[...] o jornalismo científico cumpre uma função social, ao situar a informação científica e tecnológica no contexto social de forma democratizada; e também papel cultural, ao ultrapassar os limites da transmissão de fatos e resultados da ciência e tecnologia para discutir os aspectos críticos de sua difusão em diferentes meios culturais.

Mas é preciso lembrar que este jornalismo comprometido com a qualidade da informação e a serviço do interesse público sofre a pressão midiática de publicar mais e em menor tempo, particularmente nos veículos *online* que trabalham “em tempo real”. Paralelamente à lógica que impera nesses veículos, o público necessita de mais parâmetros para julgar que tipo de informação acessar em meio à avalanche de notícias divulgadas pela mídia, o que gera um crescente grau de desinformação na sociedade. O excesso de notícias é capaz de paralisar seus receptores, sendo uma das contradições da sociedade da informação, como analisa Wolton, para quem “informação demais mata a informação” (WOLTON, 2006, p. 94).

Fontes e marcas do discurso científico na cobertura da Rio+20

A mídia, de uma maneira geral, ao selecionar palavras e fontes para tratar de determinado acontecimento, intermedeia grande parte das referências socioculturais que perpassam a sociedade, introduzindo ou reforçando ideias e experiências no cotidiano das pessoas. Como mediadora do simbólico, ela oferece mapas para melhor compreender o mundo, afetando as percepções que temos da realidade. O jornalismo, sendo parte da mídia, mostra-se importante pela forma como apresenta acontecimentos reais e pelas maneiras com que os apropria para ordená-los a partir de suas lógicas hierárquicas, organizativas e técnico-ideológicas. Ao tomar como ponto de partida a perspectiva construcionista do jornalismo (TRAQUINA, 2001), tem-se que as notícias ajudam a construir a realidade, utilizando elaborações discursivas (aqui analisadas em função das fontes e marcas discursivas), que revelam determinados aspectos em função de condições inerentes à produção da notícia.

O trabalho de mediação jornalística requer que os profissionais façam uso de determinados recortes a fim de dar conta, em um curto período de tempo, da difusão de uma informação clara e que atenda aos critérios de noticiabilidade, próprios do fazer jornalismo. De acordo com Soares (2009, p. 21), o jornalismo nada mais é que “um relato particular dos acontecimentos, ou seja, uma narrativa construída sobre um aspecto do mundo selecionado”.

Fausto Neto (2004) afirma que as representações são resultados de operações feitas junto às linguagens que, por sua vez, geram a parte visível – os textos. Estas podem ser observadas como matrizes culturais porque são sistematicamente significadas pelos processos de produção de sentidos de todos os campos sociais, apesar de ganharem visibilidade pública por meio da mídia. Diante disso, afirma-se que as representações são efeitos de sentido oriundos dos discursos que circulam na sociedade. O campo jornalístico, devido à legitimidade que lhe é constituinte, imputa uma dimensão maior às representações que são postas em seu domínio ou mesmo criadas por ele. França (2004) reforça essa perspectiva ao dizer que a comunicação é um processo constituinte em que as representações

sociais são produzidas, trocadas e atualizadas, pois é por meio dela que os sujeitos moldam o seu mundo e o mundo como um todo.

As representações vão além da informação pontual, por isso, o modo com dados termos são selecionadas, ocultadas, atenuadas, enfatizadas ou valorizadas, geram percepções diversas de uma mesma situação, não rompendo com as fronteiras da verossimilhança. A opção por uma fonte informativa e não outra também está engendrada na ação complexa de construir a notícia. Alsina (2009) destaca que um dos elementos fundamentais neste processo são as fontes, sendo o elo entre acontecimento-fonte-notícia é básico para a construção da realidade jornalística. Por isso, elege-se aqui o mapeamento de fontes como um fator relevante para complementar a forma como a ciência foi abordada na cobertura da Rio+20. Como as fontes informativas estão condicionadas ao tipo de acontecimento e a conferência abrangia temáticas ambientais, era de se esperar que fontes da área científica fossem ouvidas e aparecessem fortemente nas notícias sobre o evento.

A escolha pelas fontes, além de determinar certas visões na notícia, auxilia sua institucionalização social, sendo essenciais para registrar o estatuto de verdade dos discursos. Alsina (2009) cita Tuchman ao falar que a rede informativa impõe uma ordem ao mundo social, sublinhando o papel que as fontes têm na construção referencial da realidade e na própria angulação da notícia. Busca-se, assim, perceber como as fontes científicas foram articuladas nos discursos jornalísticos da cobertura para apresentar, explicar, reforçar ou contrapor argumentos à pauta jornalística da Rio+20.

Tentar compreender como a ciência foi enquadrada ou utilizada no contexto geral da cobertura remete ao entendimento de uma escolha primeira de quem falará (fontes) e como se falará (marcas discursivas) sobre o determinado assunto – afinal, o jornalista constrói seu discurso a partir de outros atores, geralmente previamente selecionados. A análise interpretativa que segue, sustentada por dados quantitativos, revela de que forma a cobertura sobre a Rio+20 incorporou ou não o discurso científico nas suas notícias.

A cobertura da Rio+20: de olho na ciência

Para observar se e como os assuntos científicos foram incluídos na cobertura dos portais de internet G1 e UOL, acompanharam-se as notícias publicadas nos três dias últimos dias do evento (20, 21 e 22 de junho), correspondente à parte denominada *Cúpula de Alto Nível*, na qual os chefes de Estado se reuniram para decidir sobre o documento final da Rio+20. Considera-se que a análise das fontes informativas pode nos levar à gênese da definição dos enfoques das notícias. Por isso, verificaram-se nas 115 notícias publicadas neste período pelo portal UOL e nas 152 veiculadas pelo G1 quais os rastros discursivos relacionados à categoria ciência, ou seja, seus termos derivados/relacionados (ex.: cientistas, pesquisadores, especialistas, estudos e relatórios), além de construções que levem a entender o peso da cientificidade dos discursos que aparecem nas construções noticiosas⁸.



Figura 1: Imagem da localização das notícias sobre a Rio+20 no UOL

As notícias que compõem o *corpus* de análise foram retiradas de subeditorias temporárias especiais criadas pelos dois portais para a cobertura da Rio+20 (canais de notícias que concentravam as múltiplas abordagens que estavam relacionadas ao evento). No UOL, o especial sobre a Rio+20 foi posto como

8. A observação de como e por que tais termos são repetidos na cobertura da Rio+20 não possibilitam que se entenda e se definam os enquadramentos das notícias em si, mas indicam modos de ver o mundo que são justificados pelas seleções de palavras e fontes que os jornalistas utilizam para construir discursos.

uma subeditoria de Ciência, revelando uma suposta aproximação dos temas discutidos na conferência com o interesse científico; já no G1, embora a cobertura do evento esteja em uma subeditoria chamada *Especiais*, ela é atrelada à Natureza e foi replicada em Ciência & Saúde, o que sublinha a perspectiva do *site* que os assuntos da Rio+20 estavam mais próximos ao campo científico do que em relação ao campo político.



Figura 2: Imagem que mostra o selo da Rio+20 associado à Natureza no G1

No período mencionado foram coletadas todas aquelas que de algum modo mencionavam indícios do campo científico e de suas fontes informativas. A partir disso, buscou-se entender qual o papel dado à ciência no âmbito da notícia.

A primeira leitura analítica do material coletado já permitiu afirmar que a cobertura da Rio+20, nesses dois veículos *online*, no momento selecionado, foi baseada, majoritariamente, em afirmações oriundas de fontes do campo político, resumindo-se a um jornalismo declaratório sem muitas contextualizações ou análises. Pode-se perceber isso nos títulos de *Dilma ressalta erradicação da pobreza como objetivo da Rio+20* (UOL em 20/06) e *Ministro das Relações Exteriores minimiza críticas a texto da Rio+20* (G1 nesta mesma data), no qual

atores políticos são o foco da notícia e os jornalistas, sem contrapor o que eles dizem, tornam-se seus porta-vozes.

Junto a isso, matérias de serviço, de protestos e de ‘curiosidades’ sobre a conferência integraram a cobertura. Nesse conjunto de 267 matérias, não foram encontradas notícias que partiam exclusivamente do campo científico para explicar alguma decisão da Rio+20. Vinte e nove delas (10 do G1 e 19 do UOL) traziam a perspectiva científica nos textos por meio de marcas e/ou fontes, ou seja, 10,8% do total de notícias publicadas nos três dias

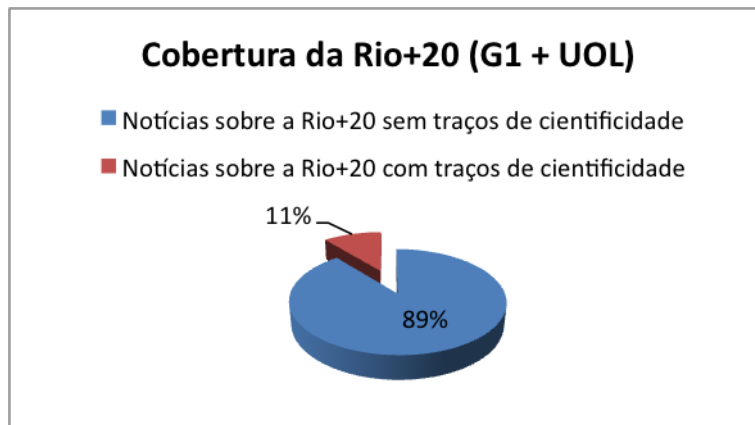


Gráfico 1: Gráfico que ilustra a proporção de matérias com registros de cientificidade

Este é o caso de *ONGs e especialistas não acreditam em avanços na Rio+20* (20/06), que enquadra a conferência pelo viés de fontes científicas, inserindo a avaliação do professor da Universidade de São Paulo, Wagner Costa Ribeiro, “que teve acesso a versão do texto final e participou da avaliação apresentada pelo Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento na cúpula” e enfoca a insatisfação dos especialistas ambientais: “É um espaço limitado, de dois ou três minutos de fala, nos Major Groups. Ou seja, pequenas intervenções em meio a uma burocracia que não permite o avanço de uma proposta democrática”.

Diante do baixo percentual de matérias que apresentarem fontes científicas, o que se notou é que as fontes e os termos derivados do campo científico foram usados para reforçar determinados discursos em alguns momentos e trazer, de forma isolada, a questão ambiental para o conjunto das notícias da cobertura. Deste modo, identificaram-se no UOL 19 notícias (16,5%), das 115, que apresentaram registros da cientificidade. Em cinco delas⁹ a menção é igual a esta:

Para iniciar os debates, eles recebem um rascunho da declaração a ser aprovada no final do encontro, já acordado pelos negociadores dos países. Juntam-se ao texto, 30 recomendações da sociedade civil em 10 temas centrais como oceanos, combate à pobreza, cidades sustentáveis e energia. Esta é uma inovação do governo brasileiro para aumentar a participação de movimentos sociais e especialistas das discussões das Nações Unidas, mas a própria porta-voz da ONU, Pragati Pascale, admitiu que as sugestões não devem mudar o texto.

Nestes casos, cita-se a intenção de aumentar a participação dos especialistas, mas no decorrer da cobertura se enfatiza que tal participação não foi efetiva: “A própria porta-voz da ONU, Pragati Pascale, admitiu que as sugestões não devem mudar o texto”. A informação geralmente é posta no fim da matéria, às vezes, de forma idêntica a outra já publicada. As notícias informam que há um espaço de participação da ciência e, em seguida, que tal espaço não deverá interferir nas decisões, desvalorizando o trabalho elaborado e revelando como será usado o poder político.

Outro ponto notado é que 17 das 29 (58,9%) matérias que possuíam registros de cientificidade não se referiam exatamente às discussões da Rio+20 ou ao andamento do evento, tentando trazer questões de atenção e cuidado com a natureza, divulgação de estudos ou soluções para o desafio ambiental, por

9. Chefes de Estado são recebidos na Rio+20 com 30 conselhos da sociedade civil, 2)Começa reunião com chefes de Estado na Rio+20; texto final pode ser modificado, 3)ONGs e especialistas não acreditam em avanços na Rio+20, 4)ONU esperava documento mais ambicioso na Rio+20, diz secretário-geral e 5)Dilma ressalta erradicação da pobreza como objetivo da Rio+20, todas publicadas pelo UOL no dia 20/06.

exemplo. É o caso da matéria *Baía de Guanabara continua poluída 20 anos após promessas da Rio 92* (20/06), na qual traz-se para o discurso da matéria um professor da UFRJ, instituição que legitima a seriedade de seu argumento: “Ainda há muito o que fazer, porque, no entorno da baía moram cerca de 5 milhões de pessoas”, disse o professor de engenharia oceânica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Paulo Rosman. “Sessenta por cento deste contingente têm grandes carências em termos de saneamento, de urbanidade, etc.”

Esta é uma das notícias que apresenta maior pluralidade de fontes — além do professor da UFRJ, aparecem falas do coordenador de saneamento da Baía (fonte institucional), de um biólogo, um líder de uma associação comunitária, da Petrobras (que contaminou o local há 12 anos) e de um artista plástico (que usou objetos associados à poluição para recriar a imagem da Baía).

Na mesma linha de matérias relacionadas ao meio ambiente — e não com as questões centrais da Rio+20 —, o UOL publicou *Mineração em Carajás expõe dilema entre desenvolvimento e preservação* (21/06), na qual se fala que milhares de cavernas foram descobertas na região, “segundo pesquisadores, exemplares raros e pouco conhecidos pela ciência”. O cuidado pelas cavernas é apresentado pela espeleóloga Maria de Jesus Almeida, da Fundação Casa da Cultura de Marabá. O atrelamento da questão da mineração à Rio+20 se dá no começo (*Enquanto líderes de dezenas de países se reúnem no Rio de Janeiro para discutir desenvolvimento sustentável, um pedaço de Floresta Amazônica revela as dificuldades de se traduzir essas ideias em ações*). Nota-se aqui a ausência da prática de um jornalismo científico competente ao deixar o termo ‘espeleóloga’ sem explicação, como se fosse uma palavra compreendida pelo público em geral.

Semelhante à cobertura feita pelo portal UOL, o G1 publicou matérias voltadas especificamente para o meio natural, como *Na BA, ninhal em área de caatinga abriga aves do Pantanal* (22/06), na qual cita fontes científicas de forma diluída: “Biólogos de uma universidade do sudoeste baiano começaram a trabalhar na contagem dos ninhos”. Em *Ativistas fazem protesto na Zona Sul do Rio contra o uso de agrotóxico* (21/06), um especialista é chamado a participar do discurso jornalístico: “O especialista em agricultura sustentável do Action

Aid, Celso Marcatto, informou que o Brasil é o campeão mundial no uso de agrotóxico”.

Também notícias baseadas em estudos (seis no total, o que representa 21,4% do corpus) também aparecem, como é o caso de Metade dos ativistas ambientais assassinados na última década são brasileiros, diz estudo (20/06), na qual os dados do estudo da ONG Global Witness são analisados pelo pesquisador Billy Kyte; Sete em cada 10 brasileiros cogitam usar bicicleta como meio de transporte diário, diz pesquisa (21/06), mostrando dados da pesquisa do CONECTAí, painel online, desta vez sem a análise de um especialista; e Dois em cada cinco internautas brasileiros não conhecem a Rio+20, diz pesquisa do Ibope (21/06), que apresenta dados de pesquisa sobre temas relacionados a Rio+20. A primeira pesquisa também pode ser encontrada no G1, com o mesmo título e fonte, porque ambos reproduziram conteúdo da agência BBC Brasil.

As outras 12 notícias, que representam 41,1% do *corpus*, tratam basicamente do factual, aquilo que foi declarado ou decidido nestes três dias, utilizando como fontes os atores políticos que tomariam as decisões no evento. Os títulos das matérias a seguir demonstram esse olhar sobre um jornalismo feito a partir de declarações e da agenda/programação: Texto não agradará quem se preocupa com clima, diz diretor do Pnuma (G1, em 21/06), Ministra assina criação do Centro Rio+ como legado de conferência (G1, em 22/06), Começa reunião com chefes de Estado na Rio+20; texto final pode ser modificado (UOL, em 20/06) e ONU esperava documento mais ambicioso na Rio+20, diz secretário-geral (UOL, em 20/06).

Nota-se, assim, que além do olhar científico não ser levado em conta como central em nenhuma notícia do período, a inserção das marcas de seu campo ocorre de forma secundária ou, de outro modo, não é posta como um aspecto de contraposição ao discurso político ou como elemento contributivo da discussão. A citação de registros científicos ou o uso de fontes científicas ocorre para embasar o discurso de outras fontes. Isso fica explícito na notícia do UOL Declaração final da Rio+20 poderia ousar mais, diz Fernando Henrique Cardoso (20/06), na qual, a partir das declarações do ex-presidente, o discurso jornalístico é construído. Contudo, FHC para dar ainda mais autoridade a sua fala menciona vencedores do Prêmio Nobel, concedido a cientistas de renome.

De igual maneira, Raúl Castro, presidente de Cuba, cita os relatórios do IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change) quando discursa sobre mudanças climáticas, na matéria Raúl Castro defende desarmamento para encontrar soluções para mudanças climáticas (UOL, em 21/06). E não apenas as fontes políticas, que predominam na cobertura, fazem isso: ONGs se revestem da legitimação da ciência para dar força ao que afirmam. Em ONGs divulgam carta de repúdio a documento da Rio+20 (UOL, em 21/06), afirma-se que o texto entregue “é assinado por ícones do movimento ambientalista, como o cientista Thomas Lovejoy”.

O mesmo recurso é utilizado não apenas para evidenciar a autoridade da ciência, mas também a fim de mostrar que as decisões precisam ser baseadas nela. Este último uso pode ser notado na notícia *Falta de qualidade técnica de estudos compromete criação de áreas de conservação marinha no Brasil* (UOL, em 21/06), onde a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, afirma que para “para ampliar as regiões protegidas ‘é preciso se basear em estudos e na legislação”.

Quando as matérias têm cunho mais empresarial ou técnico – portanto, mais econômico –, os estudos também são citados. Em *Itaipu desenvolve projeto piloto para fornecer energias solar e eólica a Fernando de Noronha* (UOL, em 21/06) um engenheiro fala sobre estudos de viabilização do fornecimento de energias alternativas. Nesse sentido as matérias estão ligadas às novidades tecnológicas desenvolvidas a partir da ciência.

No G1, embora tenha havido uma maior quantidade de notícias neste mesmo período (37 a mais que no UOL), os registros de cientificidade foram menores: em apenas 10 notícias (6,5%) pode-se ver alguma fonte ou menção ligada ao campo científico. Destas, grande parte cita de forma generalista registros da ciência como, por exemplo, na matéria *Maranhão apresenta programa de combate à desertificação na Rio+20* (20/06), na qual ao falar de um programa de ação estadual menciona-se estudos.

A ciência só é posta um pouco mais em destaque na notícia *Rio+20 foi ‘completa desilusão’, diz Herói da Floresta da ONU* (G1, em 22/06), na qual se faz uma análise do texto por um professor da USP: “Segundo Ricardo Abramovay, professor de economia da Universidade de São Paulo [...]m o texto

está “sem narrativa” e “faz muitas referências ao passado, mas está opaco e obscuro com relação ao futuro”.

Também em *Texto não agradará quem se preocupa com clima, diz diretor do Pnuma* (G1, em 22/06) leva-se em conta a posição científica. Percebe-se no trecho em que o diretor-executivo do Pnuma diz: “que o documento final da Rio+20 não deverá agradar aos cientistas e “aqueles preocupados com a mudança climática” e se esquivou ao responder sobre o futuro do Pnuma, alegando que ainda há negociações entre os países”.

Especificamente em relação às fontes, chama a atenção o fato de apenas nove¹⁰ – das 29 (31%) matérias com traços de cientificidade – apresentarem fontes de informação que podem ser caracterizadas como representantes do campo científico (pesquisadores, especialistas, professores de universidades, etc.).

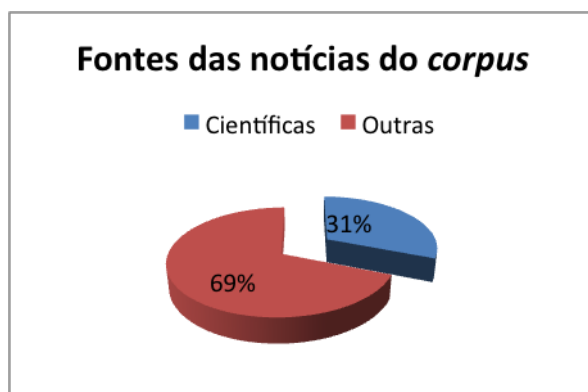


Gráfico 2: Gráfico que ilustra a proporção de fontes científicas no corpus analisado

Disto, conclui-se que em três dias de cobertura, com 267 matérias publicadas, os citados *sites* de notícias só fizeram uso de fontes científicas nove vezes, o que representa 3,37% do total de notícias publicadas no período da *Cúpula de Alto*

10. Em uma das matérias a fonte científica não foi especificada suficientemente. Na matéria do G1 Na BA, ninhal em área de caatinga abriga aves do Pantanal supõe-se pelo texto que a fonte seja: “Biólogos de uma universidade do sudoeste baiano”.

Nível. Este pode ser considerado um número muito baixo, visto que as matérias da Rio+20 eram divulgadas em editorias específicas de ciência em ambos casos. Até mesmo as citações de termos que relacionavam a discussão com aspectos científicos, sem contar aquelas que tinham fonte dessa área, foi ínfima (7,49% – apenas 20 das 267 matérias) e não permitiu que fosse realizada uma análise mais apurada de qual foi o papel da ciência na cobertura ou de que forma ela foi enquadrada pelos veículos de comunicação.

Foi possível perceber por meio da leitura das notícias que a ciência foi posta de lado no que tange os assuntos abordados no período. Nas poucas vezes em que ela se faz presente não houve aprofundamento de suas discussões, o que resultou na ausência de um jornalismo científico, que se preocupasse com a tradução e compreensão de conhecimentos específicos. Apesar do enfoque da conferência proporcionar uma diversidade de pautas ligadas ao campo científico, a cobertura jornalística dos dois portais deteve-se na produção de matérias convencionais, típicas do jornalismo generalista, no qual a agenda e as declarações de dadas autoridades tornam-se notícia.

Como as marcas científicas foram poucas e, muitas vezes, genéricas (ex.: citação da palavra “especialistas”, sem nomeá-los ou apresentar contraponto), percebe-se que os registros de cientificidade foram usados como forma de legitimação de um outro discurso, na maioria das vezes, provindo de atores políticos. As expressões atreladas ao campo científico tendem a conferir mais confiança sobre aquilo que é dito em razão de seu status de perito, logo, a ciência foi trazida aos textos de maneira a ancorar o discurso na verdade, na seriedade dos entendimentos da ciência.

Considerações finais

A leitura atenta do *corpus* de pesquisa permite afirmar que a cobertura da Rio+20, analisada a partir dos registros referentes ao campo científico e de suas fontes informativas, não destacaram de forma significativa a ciência. No caso da UOL, das 115 notícias publicadas no período, apenas 16,5% delas (19 notícias) referenciaram de alguma forma o campo científico. Já no G1, que publicou

neste mesmo período 152 notícias, a porcentagem que menciona algo relativo ao campo científico é menor ainda: 6,5% (10 notícias). Ou seja, do total de 267 notícias coletadas sobre a temática em foco, apenas 29 se relacionavam com fontes ou aspectos científicos, o que corresponde 10,8% do total das notícias publicadas pelos dois portais.

A análise quantitativa sobre as fontes revelou que não houve procura por parte dos jornalistas de fontes científicas, o que fez com que apenas 3,37% do total de notícias do período tivessem espaço para o discurso oriundo do campo. Esta é uma constatação que impressiona, na medida em que as notícias estão localizadas em uma editoria dedicada ao âmbito científico.

Também foi possível afirmar que, no conjunto das notícias analisadas, a ciência e seu discurso foram desvalorizados diante dos campos político e econômico. Pode ser notado um descompasso entre os temas propostos como centrais do evento e sua falta de articulação com os objetivos políticos. A leitura também permite inferir que o período analisado é caracterizado pela ausência de discussões pertinentes ao desenvolvimento sustentável e às relações entre homem e natureza; e que as fontes oficiais tomaram suas decisões desconsiderando alertas e propostas dos cientistas.

O jornalismo científico tornou-se, conseqüentemente, ausente na cobertura, com a imprensa *online* realizando uma cobertura calcada em declarações de personalidades e representantes políticos, sendo mera porta-voz de seus discursos. Tal atitude não deve ser vista como normalidade, pois a função social do jornalismo vai muito além da reprodução de determinados discursos. Faltou questionar, criticar e contextualizar estas declarações, ampliando as possibilidades de compreensão e interpretação do público. O jornalismo apresentado não busca fontes para contrapor o discurso oficial, além de apresentar-se de forma fragmentária, com informações descoladas de um pano de fundo que aponte interesses e contradições, o que não auxilia, e mesmo prejudica, a construção da criticidade dos leitores.

A seleção e ênfase utilizadas pelos jornalistas para organizar seus relatos foi feita em função das afirmações dadas pelos representantes da alta cúpula dos governos, sem cuidado com contextos ou análises. Houve predomínio da ênfase política, muitas vezes desarticulada dos temas centrais. Na prática, o discurso

científico foi relegado a segundo plano nas discussões sobre economia verde e governança, os dois principais temas da conferência.

Os espaços editoriais nos quais as matérias foram divulgadas, relativas à Ciência, não foram condizentes com os enfoques e/ou enquadramentos escolhidos na grande maioria das notícias, que desconsideraram o papel científico na abordagem da cobertura. Ainda que, na Rio+20, tenha sido divulgada a abertura de um espaço para a comunidade científica (que gerou o relatório *Povo Resistente, Planeta Resistente: Um Futuro Digno de Ser Escolhido*), e depois disso não tenha sido levado em conta, os veículos analisados não discutiram essa atitude, nem buscaram compreender o papel da ciência nesta conferência de temática ambiental.

Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo (2009) *A construção da notícia*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

BUENO, Wilson (1985) *Jornalismo Científico: Conceitos e Funções*. SP: Ciência e Cultura, 1985.

DEL VECCHIO DE LIMA, Myrian (2002) *Comunicação, ambiente urbano e desenvolvimento: elementos para a compreensão do papel da informação na gestão do lixo em Curitiba*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil, 2002.

FAUSTO NETO, Antônio (2004) O jornalismo e os limites da representação. In: *Ecos Revista*, v. 8, n. 2, jul/dez, 2004. p. 23-40.

FRANÇA, Vera (2004) Representações, mediações e práticas comunicacionais. In: PEREIRA, Miguel *et al.*. *Comunicação, Representações e Práticas Sociais*. RJ: Ed. PUCRJ: Idéias e Letras, 2004.

GIRARDI, Ilza *et al.* (2009) *Jornalismo Ambiental e Científico na Construção da Cidadania*. In: VICTOR, C. [et al.]. (org.). *Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo: All Print Editora, 2009.

HANNIGAN, John (2009) *Sociologia ambiental*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

IVANISSEVICH, Alicia (2005) A mídia como intérprete. In: VILAS BOAS, Sergio (org.). *Formação e Informação Científica*. São Paulo: Summus, 2005.

MORIN, Edgar (2005) *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

OLIVEIRA, Fabíola (2002) *Jornalismo Científico*. São Paulo: Contexto, 2002.

RAMOS, Luís Fernando (1995) *Meio ambiente e meios de comunicação*. São Paulo: Annablume, 1995.

ROMANINI, Vinicius. (2005) *Parem as máquinas!* In: VILAS BOAS, S. (org.). *Formação e Informação Científica*. São Paulo: Summus, 2005.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. [et al.] (2005) *Introdução: Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo*. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de (org.). *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SOARES, Murilo César (2009) *Representações, Jornalismo e a Esfera Pública Democrática*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

TRAQUINA, Nelson (2001) *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2001.

WOLTON, Dominique (2006) É preciso salvar a comunicação. São Paulo: Paulus, 2006.